

Percorrer a memória da família negra brasileira: uma conversa com Luciana Diogo

Luciana Martins Diogo (USP)

Entrevistadora:

Nathalia Augusto Pereira (UERJ)

Nesta entrevista, tivemos a honra de explorar as contribuições fundamentais de Luciana Diogo, intelectual negra e pesquisadora da USP (FFLCH), cuja obra mais recente, *Maria Firmina dos Reis, vida literária* (2022), publicada pela Editora Malê, se destaca como uma expressão de sua pesquisa sobre a pioneira da literatura negra brasileira. A conversa nos permitiu adentrar nas complexidades de sua pesquisa atual, intitulada “Escrevendo para si, reinventando-se para a/o outra/o: a memória da criação e os testemunhos da invenção literária nos diários e cartas de Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo”, um estudo que enriquece ainda mais o campo da literatura de autoria negra.

Durante o diálogo, também refletimos sobre o encontro das trajetórias da entrevistada e da entrevistadora, iniciado no curso de formação da Flup, em 2021, que foi em parte voltado para escritoras do bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Dessa iniciativa, surgiu, também pela editora Malê, a obra *Cartas para Esperança* (2022), uma coletânea organizada por Carmen Kemoly, Eliana Alves Cruz, Fernanda Felisberto, Mirian dos Santos e pela própria Luciana Diogo. No prefácio do capítulo *Por uma avenida chamada Brasil*, organizado por Luciana, ela destaca que a leitura dessa obra nos convida a percorrer “um intenso caminho pela história íntima da família negra brasileira”. O mesmo pode ser dito da trajetória literária de Maria Firmina dos Reis. Convidamos nossos leitores a mergulharem nesta entrevista e a refletirem sobre as perspectivas suscitadas pelas escritas de intelectuais negras.

PALIMPSESTO

1) Para começarmos, você poderia nos contar como foi o processo de pesquisa sobre as memórias negras femininas que culminou na publicação do livro *Maria Firmina dos Reis: vida literária?*

LUCIANA DIOGO

Nathália, querida! Cada dia mais, eu tenho pensado os caminhos da minha pesquisa a partir da imagem de uma rede energética viva: os fios que se entrelaçam partem de uma experiência compartilhada – as memórias da diáspora e do cativo - e seguem as tramas de um objetivo também compartilhado – a (re)construção de uma identidade a partir do direito à memória.

Eu acredito que o refinamento dessa competência – a de (re)construção da identidade – seja uma das maiores contribuições que temos a dar ao mundo enquanto grupo social e talvez seja também a nossa maior inteligência.

Sabe por quê? Porque se você parar para pensar, a nossa identidade vem sendo construída a partir das heranças de experiências vividas nos limites e nas possibilidades do ser escravizado, ou seja, nos limites da própria humanidade. Quero dizer com isso que essas heranças foram erigidas nos sonhos irrefreáveis de nossos antepassados de construção e reconstrução da liberdade e dos laços afetivos e sociais e, a partir dessa vivência, nós viemos elaborando todo um conjunto de virtudes que conformam um sistema de valores e um corpo de sabedoria utilizados para aperfeiçoarmos constantemente a nossa experiência no mundo, a saber: a arte de escolher entre as coisas que nós não somos, quem somos nós. Nossas ancestrais nos ensinaram isso.

Sabe como eu imagino? Eu imagino que no fundo de cada senzala; que no fundo das matas fechadas das rotas de fugas; que no fundo dos porões dos navios negreiros; naquele profundo do oceano atlântico – naquela última batida de todos os corações negros – eu imagino que brilhou um sonho de profundo ardor... são esses sonhos as estrelas que nos iluminam hoje, as nossas guias. São também os fios de energia lançados por esses corações que nos alavancam para novos futuros e nos arremessam em redes para a estruturação de universos possíveis cada vez melhores para as futuras gerações.

Pensando assim eu me pergunto: o que sonhava Teodora quando seu coração deu a última batida? Para onde foram as suas intenções? A quem alcançaram/alcançam? Como

Teodora ajuda a plasmar a realidade presente e a projetar a futura? Qual rastro nossos antepassados deixaram no mundo?

Acredito que essas informações são transmitidas e transformadas no fluxo de convergências que circula nessa rede energética, essas convergências configuram as encruzilhadas. Cada conexão dessa teia é uma encruzilhada diaspórica que potencializa o saber a partir de várias zonas de conhecimento.

O nosso encontro – meu e seu – foi/é uma encruzilhada diaspórica. Assim, se aquilo que uma geração pensa será a humanidade do futuro, hoje somos algo sonhado no fundo dos corações de nossos antepassados. É assim que eu entendo o *futuro ancestral*. Então, para suprir essa curiosidade/necessidade intelectual e existencial, eu parti para o estudo das memórias negras femininas numa tentativa de alinhar história, sociologia, antropologia, literatura e existência. Essa é a gênese desse livro.

PALIMPSESTO

2) Que bonito isso! Gostaríamos que comentasse também sobre a construção da imagem de Maria Firmina dos Reis na capa do livro. Como a incerteza em torno da fisionomia de Firmina gerou equívocos convenientes no passado recente, e de que forma o processo de desconstrução e reconstrução da figura dessa intelectual negra foi abordado em seu livro?

LUCIANA DIOGO

A figura de Maria Firmina dos Reis passa a ser recuperada a partir do Maranhão, na década de 1970, mais precisamente no dia 11 de novembro de 1973, quando a entrevista de Nascimento Moraes Filho relatando sua pesquisa de descoberta da autora é publicada no jornal maranhense *O Imparcial* e essa entrevista recebe divulgação nos jornais nacionais como uma forma de homenagem ao aniversário de morte da escritora. Com o mesmo intuito celebrativo, em 11 de novembro de 1975, foi publicado o artigo “A primeira romancista brasileira”, de Josué Montello, no *Jornal do Brasil* e, no mesmo dia, foi também publicada a matéria “Maranhense é a primeira romancista”, no jornal *O Estado de S. Paulo*. A partir de então, sem retratos ou fotografias, a imagem de Maria Firmina dos Reis foi se constituindo no imaginário popular como a de uma mulher pioneira, artista com o nível intelectual respeitável, cuja data de aniversário havia sido escolhida como “dia da mulher maranhense”, em 1975.

Entretanto, a informação sobre a sua negritude foi sendo apagada das representações visuais que foram sendo confeccionadas e especuladas em torno de sua fisionomia, a ponto de embranquecê-la completamente. A imagem de Maria Firmina dos Reis foi, por exemplo, por muito tempo confundida com o retrato da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann (1853-1895). Essa confusão é um caso bom para pensar porque corrobora as expectativas das pessoas quanto à impossibilidade de se considerar, à primeira vista, a possibilidade de uma mulher negra letrada e intelectual, no século XIX. Dessa forma, essa imagem que circula até hoje pelas redes e materiais de divulgação acaba por revelar uma tentativa de conformar a imagem de uma mulher importante – detentora de capital cultural – às expectativas de se encontrar tais atributos, essencialmente, na imagem de uma mulher branca. Ou seja, a partir desse “engano conveniente”, como você bem definiu, podemos ver os contornos delicados da questão da atribuição e representação da negritude a figuras públicas notórias, de forma a reafirmar a tendência de embranquecimento do negro que alcança certo status na sociedade brasileira.

Sabemos que isso não aconteceu apenas com a imagem de Maria Firmina, outras figuras negras de projeção também foram embranquecidas. Como eu afirmo no meu livro, eu penso que os enganos sobre a fisionomia de Maria Firmina dos Reis estão assentados naquilo que a pesquisadora Tatiana Lotierzo, ao analisar a tela “A Redenção de Cam” (1895), do pintor Modesto Brocos, chama de “peso da dimensão estética na conformação do preconceito racial e do racismo”, pois para ela, quando se combina atributos próprios à forma pictórica a um determinado entendimento das relações raciais, o resultado é a reprodução e incorporação de estruturas sociais na representação pictórica. Podemos atualizar essa lógica da pintura do XIX para a lógica publicitária atual, por exemplo.

Já a construção da capa do meu livro foi um processo de diálogo e trabalho em equipe. Em 2021, eu, Fernanda Miranda e Marília Correia lançamos a revista *Firminas – pensamento, estética e escrita*, que é uma revista focada na produção artística e intelectual de mulheres negras, e no ano passado lançamos a prévia do número 2. A revista promove um diálogo entre texto literário e acadêmico com as artes visuais. O primeiro número foi dedicado à Maria Firmina, em homenagem aos 162 anos do romance *Úrsula* e fizemos uma curadoria da obra da artista Carolina Itzá para percorrer toda a revista costurando e ampliando sentidos e possibilidades interpretativas. Então, quando o Vagner Amaro me

convidou para pensar esse livro e publicá-lo pela Malê – editora que eu havia procurado em 2021, em parceria com a professora Algemira Mendes, e proposto um projeto de publicação de uma série de estudos sobre a obra de Firmina dos Reis – ele foi ao site e sugeriu para a capa uma imagem que ele tinha gostado na revista. A partir dessa imagem, entramos em contato com a Itzá e a convidamos para repensar aquele trabalho a partir do retrato falado de Firmina, que havia sido produzido a partir de depoimentos que Nascimento Morais Filho recolheu junto aos filhos, filhas e alunas de Maria Firmina dos Reis, lá em 1974/75. Carolina Itzá emprestou à Firmina toda a sua profundidade e sensibilidade estética. Essa sensibilidade foi amplificada pela diagramação da Dandarra Santana.

PALIMPSESTO

3) Considerando o conceito de “escrita de si” como um ato de memória coletiva, no qual a autora escreve sobre suas próprias experiências, identidade e visão de mundo, como você avalia a construção dessa outra imagem possível de Maria Firmina dos Reis, a partir de seus próprios escritos, nos quais ela se retrata, se descreve e observa o mundo ao seu redor?

LUCIANA DIOGO

Tem existido um esforço coletivo em devolver à Maria Firmina dos Reis as suas cores, suas tonalidades e texturas. Nos últimos dez anos, começamos a enegrecê-la. Isso acontece mais intensamente a partir de 2017, com as celebrações do centenário de morte da escritora. Em 2018, por exemplo, a Flup (Festa Literária das Periferias – RJ) lançou um concurso que chamava artistas para desenhar o rosto de Firmina (inclusive, eu fiz parte da banca avaliadora). A imagem vencedora representava a escritora como uma mulher negra retinta (um pouco diferente do que ela realmente foi: uma mestiça com a pele mais clara). Essa seleção buscou evidenciar o pertencimento da autora à comunidade negra brasileira. O que é mais interessante quando analisamos as construções dessas imagens possíveis de Firmina é que podemos ver a multiplicidade das representações da negritude: muitas Firminas negras têm sido imaginadas de formas diferentes a partir do maior conhecimento de sua obra. E é mágico isso porque vemos Maria Firmina surgindo

a cada dia pelo alinhavar da sua obra, com o seu diário, com as pesquisas acadêmicas e com a vontade deliberada dos artistas.

PALIMPSESTO

4) Agora, aprofundando na obra de Maria Firmina dos Reis, que tipo de espaço foi criado no cenário literário brasileiro do século XIX com a publicação do romance *Úrsula*, levando em conta a atuação de Firmina na cena literária e cultural da época?

LUCIANA DIOGO

Com a publicação do romance *Úrsula* e, um ano depois, com a publicação da novela *Gupeva*, Maria Firmina dos Reis instaura, na cena literária e cultural brasileira do XIX, uma nova forma de imaginação literária. Nesta nova maneira de fabular, personagens negras são representadas de formas mais complexas, reveladoras de suas subjetividades; personagens indígenas são elaboradas a partir de seu protagonismo nas relações com os colonizadores; e a construção das personagens mulheres evidencia as diferentes formas de opressão que recaíam sobre a mulher negra, a mulher indígena e a mulher branca de elite ou a mulher branca dos setores livres pauperizados, instaurando também possibilidades para se pensar a condição das mulheres de maneira interseccional.

Assim, ao subverter a ordem discursiva nacional – assentada na perspectiva masculina elitista, a escritora dá destaque ao ponto de vista dos setores subalternizados e oprimidos da sociedade brasileira patriarcal e escravocrata, propondo, com isso, um novo humanismo no universo literário e jornalístico da segunda metade do século XIX e início do século XX. Ao fazer isso, ela buscou universalizar temas como liberdade, solidariedade, igualdade, amor, direito à memória, direito à maternidade e ampliação da cidadania, por exemplo, com um tratamento ético e estético ainda não explorados pelos autores homens oitocentistas.

PALIMPSESTO

5) E, quanto à história da família negra letrada do século XIX ao XXI, como a pesquisa em cartas e diários escritos por mulheres negras, chamado em seu livro de “exumação” de existências negras, consolida narrativas contra-históricas e revisitam as cenas da escravidão sem repetir a violência?

LUCIANA DIOGO

Essa pergunta é muito boa e toca em um ponto muito sensível e muito relevante da minha pesquisa, porque é exatamente aqui que começo a compreender melhor o valor brutal que as relações de afeto tiveram na constituição da cultura negra brasileira. Acessar esses documentos – cartas e diários - é acessar um manancial de sonhos de liberdade e de planos de realização do amor que permitiam a sobrevivência do humano no ser escravizado.

Volto à Teodora (mulher incrível que citei acima) para responder essa pergunta. Teodora foi uma africana escravizada que ditou cartas a um crioulo também escravizado e pedreiro letrado. Teodora viveu na região de Limeira (região em que fica a cidade em que moro atualmente) e se utilizou da palavra escrita em busca de informações sobre seu esposo e seu filho, pois sua família havia sido separada pela venda a novos senhores.

O que pensava Teodora? O que sentia? O que planejava? Qual o sentido atribuído à vida?

Com certeza, sua visão de mundo ultrapassa as possibilidades que a História Oficial nos oferece para pensar as vidas negras. Se pegarmos as primeiras linhas das cartas endereçadas ao marido, veremos dentro das formalidades do gênero, o tempo pulsante:

*Muito heide estimar que esta va achar **voce esteije com saude que meu desejo voce me mande contar para hande você esta morando [...]***

*Muito estimo a **sua saude como pra mim desejo noto bem para vance me faça o favor de ajuntar [aquele dinheiro]***

*Eu heide estimar que esta [...] gozando **a sua felicidade como para mim desejo noto bem para mi fazer o favor de vir [falar comigo sem falta].***

*Escrevo **para Vancê se lembra daquela promessa que nos fizemos eu hei de procurar por você***

Teodora queria um mundo de saúde, de felicidade, um mundo em que ela, o marido e o filho se reencontrassem e retornassem à África: território real onde ela e o esposo fizeram a promessa de lá morrerem juntos; território sagrado porque seria o único lugar legítimo que acolheria seu espírito após a morte; território ancestral porque a Conga

que falava com ela à noite, em seus sonhos, vinha lembrá-la da promessa feita e de que a sua alma não estaria a salvo pelo batismo cristão, precisaria do retorno, e se os padres lhe disseram um dia que ela estava sendo escravizada para poder salvar a sua alma, então, por força da lógica, da racionalidade e do próprio deus cristão, os padres deveriam ajudá-la com seu projeto de vida – salvar a sua alma voltando à África com a sua família reunida.

Essas foram as estratégias de convencimento que Teodora planejou e buscou colocar em ação, essas estratégias demonstram a capacidade de agência dessa mulher e sua tentativa de implodir por dentro o sistema escravocrata que restringia sua existência. O que movia essa mulher? O amor! Aposto que quando seu coração deu a última batida, era esse amor dando o seu último impulso.... acredito firmemente que esse pulso chega até nós e nos movimenta.

PALIMPSESTO

6) Certamente, isso nos inspira a seguir os passos das pioneiras que vieram antes de nós. No livro *Maria Firmina dos Reis: vida literária*, você escreveu uma carta para Maria Firmina dos Reis, na qual constrói a imagem de uma intelectual negra contemporânea, mãe, professora, estudante, pesquisadora e moradora de residência universitária. A carta também menciona lançamentos de livros importantes e esgotados, além de aspectos do cotidiano, como o horário de funcionamento do caixa eletrônico e as relações de trabalho das professoras e das cozinheiras do restaurante universitário. Poderia falar um pouco sobre essa carta e o que ela representa?

LUCIANA DIOGO

Nossa! Essa carta!! Ela nasceu naquele curso da Flup “Cartas para Santa Cruz”, um curso muito especial que tive a honra de pensar e coordenar e que me trouxe a oportunidade de te conhecer e a todas aquelas mulheres negras impressionantes. Esse curso me impactou profundamente. E foi a partir daquela experiência que, ao ser convidada para publicar um artigo na revista feminista *Lucía*, editada pela equipe maravilhosa da Tenda de Livros, pensei: esse artigo tem que ser uma carta!

Aliás, eu começo a carta com um Salve! Esse salve eu emprestei da carta que você escreveu tão lindamente para a Cláudia Siqueira, artista da cooperativa “Coosturart”, que fica na região de Santa Cruz. Então, eu me muni de toda aquela energia maravilhosa das

discussões realizadas em oito encontros, entre setembro e novembro de 2021, e exercitei tudo no texto. Assim, tudo aquilo que construímos juntas foi saindo naturalmente: ao falar sobre a trajetória da Firmina educadora, não pude deixar de me ver naquilo tudo, até mesmo como um resultado possível das ações de Firmina lá atrás. Ela educou meninas negras escravizadas. Então, se hoje nós podemos exercer a nossa intelectualidade de mulher negra e compartilhá-la socialmente, as bases foram assentadas lá no XIX, por mulheres como Maria Firmina dos Reis.

Então, sobre a minha própria vida como mulher negra, pesquisadora negra, mãe estudante que precisou de uma rede de apoio muito ampla, por exemplo, uma coisa da qual nunca me esqueço: o apoio das trabalhadoras do bandeirão – quando nós, as mães, chegávamos com nossos filhos e filhas, elas sempre nos serviam com abundância de comida, de carinho e incentivo... sem esse tipo de relação de afeto, talvez, ficaria mais fácil desistir. Então, eu tenho um sentimento profundo de gratidão quando olho para a minha trajetória acadêmica. Muito da pesquisadora que sou hoje foi forjado dentro da universidade e fora das salas de aula. A sala de aula foi fundamental, mas a magia que acontece quando nos conectamos com nossos iguais nesses espaços elitizados, eleva a nossa formação a uma oitava acima.

Com tudo isso, eu percebi que o universo que pode ser mobilizado no interior do gênero carta, esse espaço inter/multidisciplinar e polissêmico, pode ser muito libertador. Um espaço para experimentar nossa escrita e um espaço também de reinvenção de si.

PALIMPSESTO

7) Quais reflexões podemos extrair sobre a relação entre as condições de trabalho de professores e estudantes abordadas em sua pesquisa?

LUCIANA DIOGO

Efetivamente, é preciso de uma reflexão que se transforme em política de educação, de formação e de respeito ao trabalhador. Na condição de professora de sociologia, que é uma matéria que retornou ao currículo nacional em 2009 e é oferecida, ao máximo, em duas aulas por semana, exige-se das professoras e professores um desdobramento em escolas diferentes e períodos diferentes. Além disso, dentro dos próprios períodos, temos as questões dos horários ou quadros de horários, explico melhor:

já tive semestre em que, na segunda-feira, eu dava todas as aulas do período da manhã e depois tinha que retornar à escola para dar a última aula da noite, das 22:20 às 23:00h. Parece absurdo, parece mentira, parece crueldade, parece um teste? Pois é assim que nós somos muitas vezes recebidas nas escolas. Com um incentivo para desistir. Eu passei pelo semestre, dei as últimas aulas, e teve ainda a vez em que eu cheguei atrasada, até porque as escolas são trancadas como cadeias e, naquele dia, eu tinha esquecido o celular. Até alguém me ouvir esmurrar o portãozão de ferro cheio de cadeados, o sinal da aula já tinha batido e, pasmem, os alunos ficaram me esperando, quando a gente sabe que qualquer atraso na última aula é motivo para a sala inteira ir embora feliz, mas eles me esperaram e o diretor da escola me recebeu dizendo: “você ‘tá’ com moral com a turma, hein! Eles ainda estão lá te esperando...”.

Então, no final das contas, o que mais ficou para mim da experiência como docente da rede pública foi a troca efetiva que fazemos com os alunos na sala de aula. Eu ainda não estudava as escritoras negras nessa época, mas me lembro de ter levado a autobiografia da Billie Holiday para trabalhar um trecho em uma aula...tive que abrir fila para emprestar o livro, várias alunas e alunos quiseram ler. Olhando hoje, acho que ali nascia um pouco do meu projeto de mestrado.

Mas é urgente que se reveja as condições de ensino e aprendizagem e as condições de trabalho do professorado brasileiro, porque nós formamos a base, o chão da intelectualidade do nosso país.

PALIMPSESTO

8) E acredito que muitas professoras irão se encontrar neste relato, como eu me encontrei. E falando em ensino, você elaborou e coordenou um curso no qual o desenvolvimento da escrita criativa de cartas ocorria através da leitura dos diários e cartas de mulheres negras que construíram o Brasil de hoje, como Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e outras. Isso resultou no livro, do qual tive o prazer de participar. Minha carta está no bloco “Para além de uma avenida chamada Brasil”, que contém as cartas que as mulheres do entorno de Santa Cruz escreveram para mulheres negras que desenvolvem destacados trabalhos na região. Para mim foi um aprendizado difícil de mensurar, pois além do percurso formativo, tive a oportunidade de

conhecer as nossas histórias através da narrativa feminina que se assemelhava às memórias das mulheres da minha família. Como foi essa experiência para você?

LUCIANA DIOGO

Eu já falei um pouco sobre o impacto desse encontro, mas quero complementar abordando outro ponto que não toquei, que é o da metodologia do processo de escrita. Para pensar aquele curso, eu tive de refletir sobre como eu poderia desenvolver método objetivo de abordagem do nosso corpus e propor um método também objetivo para a composição dos textos. Eu nunca tinha dado um curso de escrita criativa, mas eu fui estagiária da única disciplina que existia na Faculdade de Letras da USP, em 2015, que trabalhava a escrita criativa, acho que a disciplina se chamava Oficina de Escrita Criativa e era oferecida pelo professor Maurício Salles de Vasconcelos. Como eu também me arrisco a escrever contos e poemas, resolvi estagiar com ele. Foi incrível e usei muito do que aprendi com o Maurício para pensar num possível “método” que combinasse observação, leitura, reflexão e certa transcendência da própria observação. A partir disso, propus a vocês exercícios práticos como: a elaboração de fichas com informações para as remetentes, as destinatárias e para Santa Cruz; como a reescrita ou a continuidade das cartas publicadas das escritoras trabalhadas; ou ainda como as anotações da “escrita de caminhada”. Procurei elaborar um curso que no final oferecesse a vocês a possibilidade de aperfeiçoar o processo de escrita a partir um modo mais consciente de produção de texto literário.

PALIMPSESTO

9) Essa metodologia me ajudou muito a melhorar minha escrita e também me ajuda a repensar a minha prática de ensino. Agora mudando um pouco de assunto, e sobre a curadoria e o lançamento do livro da Flup, como foi o diálogo entre organizadores que resultou na escolha e na disposição dos textos e no título das seções?

LUCIANA DIOGO

Nathália, para esse processo a Flup reuniu outra equipe da qual eu não fiz parte. O resultado foi surpresa pra mim também.

PALIMPSESTO

10) E o resultado é um livro denso, com seções organizadas por temáticas variadas e que evidenciam a polifonia das memórias das mulheres. Olhando para o passado e projetando o futuro, você visitou o Piauí e o Maranhão, terras de Esperança Garcia e Maria Firmina dos Reis, como parte de sua pesquisa. Quais foram as impressões e quais os possíveis desdobramentos dessa experiência? Você destacaria algum momento memorável?

LUCIANA DIOGO

Mana!!!! Essa viagem foi um divisor de águas na minha vida. Foi a primeira vez que saí da região sul e sudeste do país. Ministrando o curso sobre cartas de mulheres negras no Piauí foi um presente do universo. A primeira carta conhecida escrita por uma mulher negra foi a carta de Esperança Garcia destinada ao então governador da província do Piauí. Uma carta-manifesto. Uma carta-peito-aberto. Uma carta-trovoada. As pessoas todas emocionadas e comovidas com a oportunidade de conhecer as histórias de Esperança, de Teodora, de Firmina, Carolina e tantas outras. Mesmo reduzindo o curso para uma ou duas aulas, o impacto não diminuiu. Percebo que as cursistas são realmente tocadas pelas existências poderosas dessas mulheres referências em nossa literatura.

E tive a oportunidade de ministrar esse curso no Maranhão para turmas do Ensino Médio!!! Foi de chorar, conheci a minha intérprete de cartas preferida oficial de São Bernardo, assim como você foi a intérprete oficial em Santa Cruz, lembra? Cada dia mais me apaixona esse trabalho porque me coloca em conexão profunda com outras mulheres, de várias idades e lugares, e assim, a interlocução só se expande.

Tive ainda a oportunidade de conhecer Guimarães, a cidade em que Firmina lecionou, produziu a sua obra e viveu 70 anos de sua longa vida de quase um século. Visitei todos os pontos de memória: as casas em que viveu e na qual lecionou, a escola que abriu em Moçoricó, a igreja que frequentava, na qual a sua avó está enterrada, ou o seu próprio túmulo, no cemitério da cidade, no qual fiz questão de deixar uma rosa que colhi do jardim do quintal da casa em que ela faleceu – ela, que tanto amava as flores –, além de colocar os olhos nas paisagens que Firmina tanto cantou, como as praias do Cumã de *Cantos à beira-mar*, os campos verdes e vastos descritos em *Úrsula*, os outeiros centenários retratados em poemas e em prosas, e ouvir os cantos dos pássaros que tanto desenhavam voos em sua imaginação. Tive a honra de conversar com as professoras da

rede pública de lá. Foi incrível, agradeço muito à professora Algemira Mendes, ao pesquisador Agenor Gomes e à professora Régia Agostinho que me receberam e me hospedaram nessa viagem.

Um momento memorável entre tantos? Foi uma experiência espiritual que tive no Centro de Cultura do Mestre Amaral, que preserva a memória do Bumba meu Boi e do Tambor de Crioula. Lá eu encontrei os meus e a mim mesma, foi mágico! Foi uma virada de chave. Foi um passe!

PALIMPSESTO

11) Para encerrar, após esse relato tão rico, preciso dizer que seu trabalho de pesquisa, escrita e ensino é uma grande inspiração para mim e, certamente, para muitas outras mulheres negras. Quais caminhos você indicaria para quem deseja se aventurar no cenário atual da pesquisa, literatura e ilustração?

LUCIANA DIOGO

O que se espera da literatura? Da arte? O que leitoras e leitores buscam quando abrem um livro? Muito provavelmente, buscam se conectar a outras experiências de vida para, talvez, experimentar o que é ser o outro, o que é ter outro sexo, ter outra cor, morar em outras terras onde se fala outras línguas... ou seja, talvez a grande aventura da leitura seja a possibilidade de se apropriar de um modo diferente de enxergar o mundo. Sendo assim, a pesquisa também é uma arte, ela apresenta a diversidade de percepções do mundo e promove condições de colocar leitoras e leitores nesse estado de novidade. O de olhar com novos olhos. Pensando dessa forma, eu tenho sentido que este é um momento especial para nós, mulheres negras. Um momento em que podemos fortalecer nossas redes porque há um clima muito forte de criatividade, reflexividade e de desejo de visibilidade da nossa arte e da nossa voz. Nós somos portadoras dessa experiência única e diversa e profunda que se eleva da base da sociedade e vai subindo, camada após camada, e trazendo consigo informações e percepções de todas elas. Quando uma mulher negra verticaliza a sua experiência e chega ao topo, a sociedade inteira é passada em revista. E é sobre isso que todos precisam saber.

REFERÊNCIAS

DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras “Úrsula” e “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis*. 220 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-01112016-103251/pt-br.php>. Acesso em: mai. 2018.

DIOGO, Luciana Martins. *Maria Firmina dos Reis: vida literária*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

GOMES, Agenor. *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. São Luís: AML, 2022.

LUDEMIR, Julio (org.). *Cartas para Esperança*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

Revista Firminas: Pensamento, estética e escrita. São Paulo, v. 1 n. 1 | jan./jul. 2021. Disponível em <https://mariafirmina.org.br/wp-content/uploads/2021/03/revista-firminas-01-10-03-2021.pdf> Acesso em: set. 2024.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Teodora Dias da Cunha: construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão. In: *Mulheres Negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. Orgs. XAVIER, Geovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio. Editora Selo Negro, p. 228-243, 2012.

Luciana Diogo: doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), desenvolvendo a tese “Escrevendo para si, reinventando-se para a/o outra/o: a memória da criação e os testemunhos da invenção literária nos diários e cartas de Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo”. Mestre em Estudos Brasileiros pela Universidade de São Paulo (IEB-USP, 2016). É criadora e gestora de conteúdo web do site “Memorial de Maria Firmina dos Reis” e editora da “Revista Firminas - Pensamento, Estética e Escrita”, a primeira revista brasileira focada na produção artística e intelectual de mulheres negras. Orientadora de oficinas de escrita desenvolvidas pela Flup (Festa Literária das Periferias). Autora do livro *Maria Firmina dos Reis: vida literária* (Malê, 2022). E-mail: luciana.diogo@usp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2203-698X>.

Nathália Augusto Pereira: doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), desenvolve pesquisa acerca da poética de Nei Lopes e da produção e crítica literária de autoria negra. Mestre em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Colabora com o projeto de extensão “Letras Pretas” (voltado ao estudo e divulgação da produção literária, cultural e intelectual de autoria negra e feminina), da UERJ. Foi membra associada da ABRALIC; colaborou como resenhista e revisora no projeto “Mapeamento crítico da literatura brasileira contemporânea”, vinculado ao Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, da UnB. Atua como professora de Língua Portuguesa da SME-RJ. E-mail: ap.nathalia@yahoo.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1417-4664>.